

PROIBIÇÃO ILEGAL **da Entrada** **de Judeus no País**



DISCURSO DO DEPUTADO MAURÍCIO
GRABOIS, PROFERIDO NA SESSÃO
DO DIA 20-6-47 DA CÂMARA DOS
DEPUTADOS.

CR\$ 0,50



PROLOGO

de entrada

de Jovens de Paris

INSTITUTO DE HISTÓRIA DA CULTURA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

AV. PAULISTA, 156 - JARDIM PAULISTA - SÃO PAULO - SP

CEDEM UNESP

1970



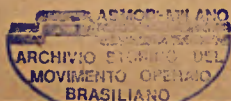
O SR. MAURÍCIO GRABOIS (*Para encaminhar a votação*)
Sr. Presidente, terminado o segundo grande conflito mundial, a humanidade progressista tinha esperança de que certos preconceitos, certas atitudes obscurantistas desapareceriam completamente. No entanto, Sr. Presidente, ainda ressoa o eco das bombas da última conflagração e os mesmos preconceitos, as mesmas perseguições ainda hoje persistem no cenário mundial.

Quero referir-me a essa onda de obscurantismo que está dominando em certos círculos políticos do Continente, particularmente dos Estados Unidos. Esta ameaça obscurantista diz respeito à discriminação racial, ao ódio de raça, desencadeados contra negros e judeus.

Todos nos lembramos que é ainda dêste ano o enforcamento do ideólogo do racismo, Julius Streicher. Entre os criminosos castigados em Nurenberg, estava êsse perseguidor-mór dos judeus na Alemanha. No entanto, o seu castigo não serviu de exemplo, pois novos Julius Streicher procuram surgir.

Estas considerações, Sr. Presidente, ocorrem-me porque leio na imprensa a notícia relativa à proibição da entrada de judeus em nossa terra. Há poucos dias, o jornal "Diretrizes" noticiou que os consulados e embaixadas do Brasil no estrangeiro não davam visto em pasaportes de imigrantes de origem israelita. Ao mesmo tempo, conhecido jornalista, cujas atitudes políticas de maneira alguma apoiamos, denunciava o mesmo fato. Refiro-me ao Sr. Assis Chateaubriand, que, em artigo de 11 de junho de 1947, formulava o seguinte tópico :

"Primeiro obstáculo verificou-se que todos os consulados brasileiros, nos Estados Unidos, tinham circular confidencial severíssima, travando a entrada de semitas nas nossas fronteiras ou mesmo de indivíduos que, não sendo judeus puros, tenham mescla de sangue israelita.



O caso está divulgado, tanto mais que da Europa chegou-nos idêntica notícia. Também nos Consulados do Brasil, na Europa, a reação racista se processa veemente.

A verdade é que, apesar da nossa Constituição não fazer qualquer diferenciação de raça, o governo, através seus representantes no exterior, está aplicando legislação racista e, portanto, de inspiração nazista.

Chamo a atenção da Casa para a gravidade da medida, porque significa a desmoralização do povo brasileiro no exterior, pois nos coloca na mesma situação do povo alemão no período em que seguia a orientação de Hitler e de toda a sua camarilha.

O Sr. Aureliano Leite — A legislação vigente no Brasil, no momento, é a estadonovista na matéria. A legislação a constituir-se sobre imigração está sendo cuidada pela Comissão de que faço parte. Com relação a esta é que somos responsáveis. A Câmara não pode ser culpada pelo que fez o Estado Novo, que todos combatemos, inclusive V. Exa.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — A Câmara tem obrigação de defender os fóros de civilização do nosso povo.

O Sr. Aureliano Leite — De acôrdo com V. Exa. Esses serão defendidos na lei a fazer-se, porque a Câmara até hoje não elaborou lei sobre o assunto.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Defenderemos na lei a elaborar-se os princípios democráticos. Mas também devemos protestar contra a atitude que o Executivo vem mantendo com relação à imigração, atitude essa característica do período do nazismo da Alemanha fascista.

O Sr. Aureliano Leite — É a velha legislação que há sobre a matéria.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Nêsse sentido devemos erguer nossas vozes. Ao fazer esta crítica, não a dirijo diretamente ao Exmo. Sr. Ministro das Relações Exteriores. Sabemos que S. Exa. é espírito liberal e, à testa do Itamarati, tem demonstrado orientar-se, em certos casos, por uma política diplomática de acôrdo com os interesses do Brasil.

O Sr. Aureliano Leite — Penso que V. Exa. fez parte de uma comissão que se dirigiu ao Chanceler Raul Fernandes. Naquela ocasião — V. Exa. deverá estar lembrado — o Sr. Ministro do Exterior manifestou-se contra quaisquer restrições do ponto de vista racial, no Brasil.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Fiz de fato parte da comissão de sete membros a que V. Exa. se refere e, por isso mesmo,

não dirijo minha crítica àquela Secretaria do Estado; mas cabe-me esclarecer que S. Exa., inquirido pelo reporter de "Diretrizes", afirmou que, na verdade, os consules do Brasil, no exterior, não estavam dando "vistos" nos passaportes de imigrantes judeus. Afirmou, ainda, que a culpa era do Conselho de Colonização e Imigração, diretamente subordinado à Presidência da República.

É de se concluir, portanto, que tal orientação racista e nazista surge do próprio Palácio do Catete.

O Sr. Aureliano Leite — Parece-me que não há essa orientação. O nobre orador talvez esteja exagerando os acontecimentos.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — O nobre aparteante defende posição insustentável, pois o próprio Ministro Raul Fernandes asseverou que havia a proibição de entrada de judeus no Brasil e, do fato, isto acontece.

Darei a prova: eu próprio fui procurado por um chefe de família de origem israelita, que havia pedido "visto" para entrada, no país, de três membros de sua família. Trata-se do homem que aqui reside há mais de 10 anos, naturalizado, com todos os papéis em ordem; no entanto não conseguiu que esses seus parentes viessem para o Brasil.

O Sr. Aureliano Leite — Pelo fato de serem de origem judaica, ou por outras circunstâncias?

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Tenha a bondade de esperar.

Esse cidadão pediu, mesmo, a interferência de ilustre Deputado a fim de que, junto ao Ministério do Exterior, facilitasse a entrada daquelas pessoas em nosso país. Houve empenho, não só por parte desse digno Deputado, mas, posteriormente, de outro que desfrutava, segundo penso, de grande prestígio no Itamarati. Ambos nada conseguiram. Não cito nomes das pessoas interessadas a fim de evitar perseguições.

Outro exemplo é o de um técnico que se encontrava num dos países europeus, e que depois de ter os documentos em ordem, ao declarar que era de origem semita, teve o "visto" no passaporte cancelado.

A política ora seguida, e que não se justifica, é norma adotada pelo atual Governo. Só é possível haver orientação desta natureza quando impera no país regime de arbitrariedades, pois numa Democracia, onde há liberdade, onde existe o respeito à lei, não se pode aplicar um código de caráter nazista, quanto à entrada de estrangeiros no país.

Ligamos assim esta atitude do Executivo ao espírito reacionário e às afinidades ideológicas com o fascismo do seu mais



alto representante e do grupo que o cerca. No entanto, sabemos não ser só o anti-semitismo a característica única do fascismo. Também não foram os fascistas que inventaram o anti-semitismo. Há muitos séculos que o vírus do ódio e do preconceito contra os judeus existe na face da terra.

Mas durante longos períodos e em muitos países, a luta popular pela liberdade tem obtido êxito em destruir quase todos esses germens anti-semitas. Em seu histórico discurso sobre "O século do homem do povo", Wallace, ainda como vice-presidente dos Estados Unidos, afirmava: "A marcha da liberdade, nestes últimos 150 anos, tem sido uma grande revolução popular. Entre esses grandes movimentos populares incluímos a revolução americana de 1778, a Revolução francesa de 1789, a revolução hispano-americana da era de Bolívar, a revolução alemã de 1848 e a revolução russa de 1917". Entretanto, no decorrer desses séculos, tem havido também períodos anti-progressistas e reacionários. Períodos nos quais o germen do anti-semitismo tem prosperado no caldo da imundície reacionária. No documentado estudo sobre "O anti-semitismo organizado na América", escrito por Donald S. Strong, e publicado pelo Conselho Americano de Relações Públicas, encontramos a seguinte afirmativa: "Como ideologia política, o anti-semitismo sem caráter contra-revolucionário é tão raro que mal se conhece. A ideologia propagada pelos grupos anti-semitas nos Estados Unidos é a mesma que a de certos movimentos políticos na Rússia antes da primeira Guerra Mundial, na Polónia e na Hungria, pouco depois daquela Guerra, e, mais recentemente, na Alemanha nazista e na Itália fascista".

Com a vitória do hitlerismo na Alemanha, em 1933, a mais feroz reação contra o progresso humano teve início e, mais uma vez, valeu-se da ameaça e da violência para levar a cabo o maior movimento anti-semita da História.

E hoje, após a derrota do nazi-fascismo, vemos se levantarem as tentativas dos imperialistas norte-americanos e seus aliados para reacender a fogueira ateadada por Hitler.

As medidas que denunciámos, neste momento, desta tribuna, relativas à discriminação racial em nosso País, fazem parte das medidas que o Poder Executivo tem tomado contra o povo e contra as liberdades, no caminho da Ditadura.

Chama a atenção da Câmara para a orientação anti-semita de certos órgãos do governo. A discriminação racial constitui, sem dúvida, pretexto para justificar novos golpes contra a democracia, os mais odiosos, próprios das ditaduras terroristas condenadas com a maior repulsa pela humanidade civilizada.



Já o velho Aristóteles dizia: "Se todos os meios para solucionar vossos problemas fracassarem, distrai a atenção inventando terrores!"

Usando essa antiga técnica, distraindo a atenção dos povos de seus próprios problemas e inventando fantasias anti-semitas, a "inferioridade racial", a discriminação de raças, o fascismo conseguiu na Alemanha os mais nefastos resultados, como já-mais poderemos esquecer.

Os nazistas usavam o anti-semitismo como uma de suas armas de guerra, como uma "ponta de lança". Eis, por exemplo, como Hitler se dirigia aos seus agentes:

"A propaganda anti-semita, em todos os países, é um meio quase indispensável para desenvolver nossa campanha política. Todos verão que pouco tempo levaremos para subverter as idéias e o critério do mundo inteiro, apenas atacando o judaísmo".

O Sr. Campos Vergal — Esse trabalho funesto quo se chama anti-semitismo, auxiliado por outros semelhantes, conduzir o mundo à deflagração que asistimos há pouco tempo. É imprescindível que os homens, responsáveis pelo destino da humanidade, compreendam que não podemos construir um mundo novo com ódios e preconceitos antigos. Torna-se indispensável que haja uma mentalidade nova, arejada, libertando os preconceitos raciais, de pigmentação e de credos religiosos, a fim de que possamos fazer não apenas algumas nações felizes, mas todo o mundo, todos os povos que almejam ardentemente essa felicidade.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Raciocina V. Exa. como um democrata. Entretanto, o Poder Executivo assim não pensa, particularmente o ditador Eurico Gaspar Dutra.

A verdade é que, por cima da vontade do Ministro das Relações Exteriores, como S. Exa. própria afirmou aos jornais, existe essa orientação racista e, portanto, anti-semita, partida dos órgãos diretamente ligados à presidência da República.

Infelizmente, tal fato não é novo na vida política brasileira. Por ocasião do Estado Novo, quando o General Eurico Gaspar Dutra era Ministro da Guerra, havia uma orientação, que já foi mesmo denunciada desta tribuna pelo Senador Hamilton Nogueira, impedindo o ingresso nas Forças Armadas de negros e de elementos de descendência semita.

Isto mostra como o Sr. Gaspar Dutra, querendo imprimir à vida política brasileira orientação tipicamente fascista, está procurando desviar a atenção do povo de seus mais sentidos problemas.

Sr. Presidente, o problema racial não existe em nossa terra. Não é possível falar em discriminação racial para um povo como o nosso, formado, na sua maioria, de mestiços, de homens que eram considerados por Hitler como seres inferiores. Quem pode compreender esse racismo crioulo que surge agora em nosso país, esse racismo que contraria a índole democrática do povo brasileiro?

O Sr. Aureliano Leite — Às vezes se faz um racismo às avessas — para empregar a expressão do notável companheiro e colega Gilberto Freyre.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Mas faz-se esse racismo, de qualquer maneira, caricatura do de Hitler, e só poderá conduzir o país ao fascismo, fonte perene de perseguições a todos os democratas.

Já o grande Roosevelt, em sua mensagem ao Congresso Americano, em 6 de janeiro de 1942, fazia a advertência:

"Temos que nos prevenir contra divisões nas nossas próprias fileiras e nas Nações Unidas. Temos que estar especialmente prevenidos contra discriminações raciais em quaisquer de seus aspectos vergonhosos. Hitler novamente tentará fomentar desconfiança e suspeitas entre indivíduos, entre grupos, entre raças e entre governos. Procurará valer-se da mesma tática baseada em falsidades e boatos com que dividiu a França e a Inglaterra. Ainda está tentando repeti-lo mas ele encontrará um bloco unido, uma unidade de propósitos e de vontades que se manterá até que tenham sido eliminados todos os seus vis designios contra a liberdade de todos os povos da terra".

E agora que vemos o governo Truman atraiçoar os princípios da democracia de Roosevelt, devemos alertar a todos os democratas contra a nova onda de obscurantismo e de fascismo que ameaça as liberdades públicas, em nossos países, inclusive na América do Norte. E o anti-semitismo, que tenta tomar corpo no Brasil, nada mais é que o resultado da influência dos restos fascistas em nosso governo.

Eis o objetivo que me trouxe à tribuna: alertar à Casa e à Nação para este problema, a fim de que o Ministério das Relações Exteriores explique porque motivo não concede "visto" nos passaportes de pessoas de origem semita.

O Sr. Aureliano Leite — V. Exa. se refere a imigrantes espontâneos ou dirigidos?



O Sr. Adelmar Rocha — Estes últimos não são imigrantes.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — São elementos que procuram abrigo em terras brasileiras, para aqui reconstituírem sua vida.

O Sr. Aureliano Leite — V. Exa. trata de imigrantes espontâneos.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Perfeitamente. O Executivo usa de dois pesos e duas medidas: enquanto toma essa atitude de impor uma série de restrições à entrada de judeus, permite que a escória humana, a ralé que sobrou do naufrágio do fascismo penetre livremente em nosso território. Esses restos do fascismo na Europa, entre os quais se contam criminosos de guerra, vêm obtendo "vistos" em seus passaportes e outras facilidades do nosso Governo.

Entretanto, convém lembrar à Câmara que o Itamarati consentiu na entrada de dois israelitas que renegaram completamente os sentimentos humanos, porque serviram de carrascos de seus próprios irmãos num campo de concentração.

O filho de Dino Grandi vive atualmente em São Paulo, e Erna Sack — todos a conhecemos porque, através da arte, fazia propaganda do nazismo, no período de sua ascensão — também se acha livremente no Brasil e, segundo consta, procura naturalizar-se cidadã brasileira, para, servindo-se desse título, percorrer outros países, onde hoje não consegue entrar.

O Sr. Aureliano Leite — V. Exa. sabe que, pela lei atual, um estrangeiro nessas condições precisaria de dez anos de residência para naturalizar-se.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Para facilitar sua naturalização, Erna Sack apela para sua qualidade de artista, argumentando que sua arte poderia trazer grandes benefícios ao país. E ainda podemos citar o caso de Bala, o grande capitalista tcheco, traidor de sua pátria, colaboracionista condenado pelos tribunais e pelo povo da Tchecoslováquia que, em menos de 5 anos de residência no Brasil, se tornou brasileiro naturalizado.

O Sr. Aureliano Leite — V. Excia. está argumentando com casos esporádicos, inteiramente isolados.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Ainda há poucos dias, desta mesma tribuna, um deputado denunciava a entrada, no Brasil, de vários elementos de origem italiana, procedentes da Europa, fascistas declarados. Por aí se observa a política de dois pesos e duas medidas.

O Sr. Aureliano Leite — Hoje não há mais fascismo na Itália, de modo que se torna muito difícil distinguir, agora, os elementos anteriormente fascistas e anti-fascistas.



O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Ninguém desconhece a existência dos antigos partidários do fascismo, algozes de seu próprio povo, que fugiram ao merecido castigo. Não é difícil concluir-se que o filho de Dino Grandi, membro do partido fascista, não é um democrata. Também não é difícil saber que dois carrascos de campos de concentração a que aludí sejam criminosos de guerra. Basta dizer que, após a sua vinda para o Brasil, odiados por todos os judeus dignos e honestos, por todos os democratas, acabam de ser incluídos em listas de criminosos de guerra que serão julgados pelos tribunais populares da Polônia.

O Sr. Aureliano Leite — Ainda agora o filho de Mussolini, que está na Argentina, renegou o fascismo.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Depois de derrotado. Vossa Exa., como democrata que é, não pôde se colocar como defensor do fascismo.

O próprio Vittorio Mussolini segundo notícia o "Correio da Manhã", conseguiu entrar na Argentina através da fronteira do Brasil, obtendo o necessário "visto", no passaporte, das autoridades diplomáticas brasileiras.

Sr. Presidente, como se vê, nosso país está se transformando num covil de criminosos de guerra, ao mesmo tempo que o Governo imprime às suas diretrizes uma orientação tipicamente racista, impedindo a entrada no país das maiores vítimas do nazismo, entre eles sábios, técnicos, artistas, que procuram abrigo no Brasil.

O Sr. Ruy Santos — V. Exa. então acha que para um italiano fascista entrar na Argentina precisa servir-se da fronteira do Brasil? Chegando diretamente é recebido com festas...

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Os fatos demonstram que lhe foi mais fácil ir à Argentina através de nossas fronteiras. O nobre colega argumenta com palavras e eu com fatos concretos, referindo-me ainda a um jornal que pertence à mesma corrente política de V. Exa. — o "Correio da Manhã".

O Sr. Ruy Santos — Eu quisera ter um jornal como o "Correio da Manhã", obedecendo à minha orientação.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Estou me louvando não em jornalistas do Partido Comunista ou simpáticos ao meu partido, mas em jornais que nos combatem e que não têm qualquer afinidade ideológica com o Partido Comunista. E' o Sr. Assis Chateaubriand, é o "Correio da Manhã".

O Sr. Aureliano Leite — Eu acato muito a opinião do "Correio da Manhã", e não sou governista...



O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Pergunto se V. Exa. está de acôrdo em que se negue o "visto" a êsses elementos de origem judaica que queiram entrar no Brasil?

O Sr. Aureliano Leite — V. Exa. sabe que sou profundamente liberal e não estou de acôrdo que se negue tal licença. Duvido, sim, que essas licenças e êsses vistos sejam negados pelo fato, apenas, de se tratar de pessoas judaicas.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — São declarações do Ministro Raul Fernandes. V. Exa. não pôde desmentir as declarações do nosso Chanceler a "Diretrizes", nas quais êle atribúi ao Conselho de Colonização e Imigração essa orientação, que procede da Presidência da República.

O Sr. Aureliano Leite — V. Exa., inteligente como é, há de conceordar que o imigrante indesejável pôde ser judaico, inglês, francês, ou de qualquer outra nacionalidade, como indesejável pôde ser o próprio brasileiro.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Não estou defendendo prioridade para êste ou aquêle elemento, desta ou daquela origem racial; estou protestando contra essa orientação política, que é tipicamente da era do nazismo. E ela, meu caro deputado, não surge por acaso. É que se procura eriar, hoje, um clima de intranquilidade no país e na própria América. Por isso é que surge essa política de discriminação racial.

Agora mesmo, nos Estados Unidos, ao contrário da política que o Presidente Roosevelt realizou e que procurava impedir os conflitos de origem racial, são linehados inúmeros negros, e um Tribunal constituído de brancos absolveu os linchadores, abrindo possibilidades para novos attentados contra os cidadãos negros americanos, revivendo, portanto, as perseguições por motivos raciais.

Mas, como já disse, essas perseguições não surgem por acaso. Elas estão ligadas ao obscurantismo e à reação. Surgiu, na Europa, com intensidade, quando apareceu o fascismo, e com a Alemanha nazista, a grande onda anti-semita atingiu o paroxismo. Durante a 2.^a guerra mundial também os Estados Unidos sofreram um surto de anti-semitismo, comandado pelo grupo isolacionista, que combatia, ao mesmo tempo, os judeus, a guerra de libertação e o govêrno Roosevelt. E os mesmos homens, como Taft, Rankin, Vandenberg, Dies, etc., que procuram fomentar uma nova guerra contra a humanidade, é que, hoje como ontem, insuflam o anti-semitismo. É oportuno lembrar como falava Charles Lindbergh, hoje "reabilitado" pelos partidários



do plano Truman, em comício organizado pela "América First Committee", ao afirmar que "a Administração, os judeus e os americanos pró ingleses são os três agitadores principais que se batem pela entrada dos Estados Unidos na guerra".

Não é por acaso, portanto, que a praga do anti-judaísmo encontra apóio, hoje, nos círculos reacionários e imperialistas, chegando, mesmo em países como o Brasil, onde não existem precedentes históricos para o obscurantismo anti-semita. Esse problema, quando aparece em nossa Pátria, é porque estamos sujeitos a um governo reacionário, ligado ao imperialismo, dominado por um grupo de fascistas.

Só uma ditadura como a que governa o país, poderia favorecer o espírito do anti-semitismo. Mas essa tentativa, estamos certos, falirá como as anteriores do tempo das aventuras integralistas do Sr. Gustavo Barroso.

O nosso povo provará novamente a sua aversão a toda espécie de preconceito racial e faltará a terra sob os pés do monstro inventado pela ditadura do Sr. Dutra.

O Sr. Aureliano Leite — Mas, precisamos ser justos. Nunca houve perseguição racial a qualquer nacionalidade, por parte do Brasil.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — V. Exa. tem plena razão. No Brasil nunca houve, mesmo porque seria um absurdo — e sabe V. Exa., que é historiador, que no tempo da colonização, a maioria dos que vinham para o Brasil era de origem judaica...

O Sr. Aureliano Leite — V. Exa. está equivocado. A maioria não.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Um grande número...

O Sr. Aureliano Leite — Um pequeno número.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — ... era de perseguidos pela Inquisição, os chamados cristãos novos, aqueles fustigados pela reação da época. E inúmeros homens públicos têm, sem dúvida, um traço de sangue judeu em suas veias, embora talvez não tenham conhecimento desta realidade.

O Sr. Aureliano Leite — Exagera-se muito o preconceito de que no Brasil há grande difusão de sangue judeu. Há, como em toda parte, mas não na profusão que por aí se proclama.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Na verdade, seria ridículo susseitar esse problema no país, o que a própria mentalidade do povo não permite. Só os integralistas, agentes diretos do nazismo, é que de tal se lembraram em nossa terra, tanto que o jornal "O Século XX", dirigido pelo Sr. Gustavo Barroso, enee-



lou campanha anti-semita. Tratava-se, porém, apenas de um grupo restrito, formado por elementos de mentalidade reacionária, elementos fascistas, que pretendiam criar essa questão em nossa pátria.

O Sr. Aureliano Leite — O Sr. Gustavo Barroso, de quem sou amigo pessoal e admirador, e que é uma grande cultura, exagerou muito com relação à existência de judeus no Brasil...

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Não exagerou apenas; estava completamente errado, contra os interesses do nosso povo, servindo aos seus patrões do III Reich.

O Sr. Aureliano Leite — ... chamando de judeus até cidadãos, como o Dr. Armando de Sales Oliveira, que se viu obrigado a vir a público, para declarar que não tinha um pinga de sangue judaico.

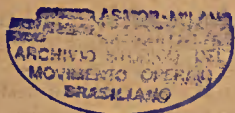
O SR. MAURÍCIO GRABOIS — Isso vem mostrar que o anti-semitismo é uma cortina para justificar arbitrariedades e a liquidação da democracia nos países onde ele aparece. Na Alemanha, entre outros fatores, foi baseado no anti-semitismo que se procurou liquidar o movimento operário alemão e o regime democrático. Ninguém ignora que na última guerra os nazistas assassinaram mais de seis milhões de judeus, e o fizeram de maneira fria e bárbara. Na Polônia, com uma população de mais de três milhões de judeus, não restaram nem 150 milhões de sobreviventes dessa chacina que foi o que há de mais nefando, de mais obscurantista na história da humanidade. É isto o que se quer reviver em nossa pátria, contra as tradições e índole democrática de nosso povo.

Sr. Presidente, são essas as razões pelas quais espero seja aprovado o requerimento de informações que constituiu uma advertência aos que queiram criar o problema do anti-semitismo, que, como já disse, não pode encontrar guarida no coração de nenhum brasileiro.

O Sr. Jorge Amado — Desejaria saber se o ilustre Deputado Dr. Horácio Lafer, que é descendente de judeus, também assinou o requerimento.

O SR. MAURÍCIO GRABOIS — O nobre Deputado Sr. Horácio Lafer, devo informar, não assinou o requerimento; penso, todavia, que, uma vez solicitado, a tal não se oporia, visto que, descendente de israelita como eu próprio, não deixaria S. Excelência de, como democrata e como patriota, defender a democracia, lutando contra quaisquer preconceitos de ordem racial, pois, a sua aceitação levaria à nossa mais completa degradação como povo.

Sr. Presidente, ao fazer tôdas essas considerações sobre o requerimento de informações ao Sr. Ministro das Relações Exteriores, eu não poderia deixar de reportar-me à situação política do país, que exige de todos os democratas, indistintamente, os maiores esforços contra tôdas as medidas anti-democráticas, pois, só a negação da democracia no País, o desrespeito à Constituição, possibilitam essa discriminação de raças. (Muito bem, muito bem. Palmas.)



000545



